



CÂMARA DOS DEPUTADOS

HOMENAGEM A PARSIFAL BARROSO

- Lúcio Alcântara
- Marcelo Linhares
- Amaury Müller
- Francisco Dias
- José Frejat

BRASÍLIA - 1986

CÂMARA DOS DEPUTADOS

HOMENAGEM A PARSIFAL BARROSO

Discursos pronunciados pelos Deputados Lúcio Alcântara, Marcelo Linhares, Amaury Müller, Francisco Dias e pelo Deputado José Frejat, Presidente em exercício, na Sessão de 10 de junho de 1986.

Centro de Documentação e Informação
Coordenação de Publicações
Brasília – 1986

CÂMARA DOS DEPUTADOS

DIRETORIA LEGISLATIVA

Diretor: Hélio Dutra

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

Diretor: Aristeu Gonçalves de Melo

COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES

Diretora: Maria Liz da Silva Braga

CÂMARA DOS DEPUTADOS
47ª Legislatura – 4ª Sessão Legislativa
SÉRIE COMEMORATIVA
Nº 7

Homenagem a Parsifal Barroso/Lúcio Alcântara *et alii.* – Brasília; Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1986.

27p. – (Série Comemorativa; 7).

1. Discurso Parlamentar. 2. Barroso, Parsifal – biografia. I. Alcântara, Lúcio. II. Linhares, Marcelo. III. Müller, Amaury. IV. Dias, Francisco. V. Frejat, José. VI. Série. VII. Título.

CDU 328 (81) (042)

SUMÁRIO

DISCURSOS

Deputado Lúcio Alcântara.....	5
Deputado Marcelo Linhares.....	10
Deputado Amaury Müller.....	17
Deputado Francisco Dias.....	20
Deputado José Frejat.....	26

DEPUTADO LÚCIO ALCÂNTARA

O SR. PRESIDENTE (José Frejat) – Passa-se ao Grande Expediente, destinado à homenagem póstuma ao ex-Governador do Estado do Ceará, ex-Ministro, ex-Deputado Federal Parsifal Barroso.

Com a palavra o Sr. Deputado Lúcio Alcântara, como autor da proposição e pelo PFL.

O SR. LÚCIO ALCÂNTARA (PFL – CE) – Sr. Presidente, Srs. Deputados, Ilm^{as} Sr^{as} Olga Barroso, suas diletas filhas Vera e Olga Emília. A tradição recomenda que em momentos como este o orador traga seu discurso escrito. Mas entendi fazê-lo de improviso, para que fosse menos cerebral e mais afetivo, ditado pela emoção, pela recordação daquele que em vida foi um grande intelectual, um grande professor, um grande homem público, que honrou o Ceará e o Brasil.

Mestres do mesmo ofício, meu pai e Parsifal Barroso, colegas na Assembléia Legislativa do Ceará nos albores da redemocratização, tinham contato desde então e mantiveram amizade estreita e amena, que haveria de se estender à família toda. Daí as minhas primeiras lembranças de Parsifal Barroso, quando costumávamos freqüentar, a família toda, a sua casa, na então pacata Avenida Santos Dumont.

Quem se detiver analisando os múltiplos aspectos da brilhante personalidade de Parsifal Barroso verificará, de logo, que há três peculiaridades que sem dúvida alguma constituem os principais marcos da sua vida. Refiro-me às suas qualidades de professor, de intelectual e de político. Cada uma dessas facetas predominou em diferentes épocas de sua trajetória, em função das vicissitudes naturais por que passou e também das atenções que neste ou naquele momento pôde dedicar às diversas tarefas que teve pela frente. Católico fervoroso, homem de fé e de crença, pautou sua vida na dignidade, na solidariedade e na profunda visão humana dos grandes problemas que afligem o mundo de hoje. Professor, iniciou sua carreira no magistério como lente de Alenão, de Química e de História Natural, no Liceu do Ceará, no Colégio Militar e em diferentes estabelecimentos particulares de ensino, em Fortaleza. No ensino superior, foi professor da Universidade Federal do Ceará. Lecionou Introdução à Sociologia na então Faculdade de Ciências Econômicas, História das Doutrinas Políticas, na Escola de Administração do Ceará, e Teoria do Conhecimento, na então Faculdade Católica de Filosofia. Fundou o Sindicato dos Professores. Foi mestre a vida inteira, dentro ou fora das salas de aula, inclusive exercendo o magistério quando da sua passagem pelo cargo de Governador do Ceará. Foi também Deputado classista, representando a categoria dos professores. Este, portanto, um aspecto marcante de sua vida: Parsifal, o intelectual.

Examinando a história política do Ceará e as diferentes figuras que a ilustraram nas diversas etapas do nosso desenvolvimento, dificilmente encontraremos alguém que reunisse a um só tempo, como Parsifal, a condição de político, com intensa atividade

partidária, e a de intelectual, de profundos estudos, de grande sabedoria e de enorme conhecimento, que se ocultava por trás de grande modéstia, apanágio também da sua personalidade. Raramente, repito, encontramos entre os políticos do Ceará alguém que reúna as qualidades de Parsifal Barroso, que, como intelectual, procurou sempre debruçar-se sobre a história política do nosso Estado, para conhecer melhor o cearense, o seu comportamento, as suas reações e motivações, enfim, os fundamentos da civilização do Ceará nas mais diferentes circunstâncias. Esses estudos estão registrados em três livros, além de em trabalhos publicados em jornais como *O Povo* e *A Tribuna do Ceará*. Desses livros, um deles, *Um Francês Cearense*, analisa a profunda repercussão, sobre o desenvolvimento da economia do Ceará, do assentamento, naquelas plagas, de uma família de franceses, que ali fundou a centenária Casa Bóris. Os outros dois são *O Cearense*, publicado em 1969, e *A História Política do Ceará*, que veio a público o ano passado, uma tentativa de interpretação dos principais fatos cearenses e, sobretudo, das motivações que deram origem a uma série de iniciativas que marcaram a vida política do Ceará.

Ouçó, com prazer, o Deputado Francisco Studart.

O Sr. Francisco Studart – Nobre Deputado Lúcio Alcântara, é com inusitada emoção que participei desta feliz e justa homenagem à memória do Dr. José Parsifal Barroso. Três homens influenciaram fundamente a minha formação cultural e política: o Presidente Nereu Ramos, de quem fui auxiliar durante vários anos, nos idos do Palácio Tiradentes, que me ensinou, com mãos de mestre e as atitudes de seu exemplo, a postura de ser Parlamentar; o Professor: Francisco Clementino de San Tiago Dantas, que me tomou a mão no segundo ano do currículo jurídico na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil e me levou até o doutorado; e Parsifal Barroso, que conheci e com quem convivi a partir dos meus dez ou onze anos. Como V. Ex^a e a Casa sabem, sou Deputado pelo Estado do Rio de Janeiro. Represento o povo fluminense no Congresso Nacional. Contudo, sou cearense de nascimento e tenho no Ceará as minhas raízes. Deixei no nosso querido Ceará, como era da tradição, o meu umbigo ressequido em algum telhado de casarão velho. As mães jogavam os umbigos das suas crianças – era uma velha cisma – sobre os telhados dos casarões antigos. Aos doze anos, já freqüentava a Assembléia Legislativa para ouvir os grandes pronunciamentos e debates a que V. Ex^a se reporta. Vivíamos então a redemocratização do País, com a queda do Estado Novo. E lá eu encontrava Parsifal Barroso e, junto a ele, a figura extraordinária do pai de V. Ex^a, o Dr. Waldemar Alcântara, o Deputado Walter de Sá Cavalcante e tantos outros que abrilhantavam aquele forum da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará. Mais tarde, encontro Parsifal Barroso Deputado Federal, no Rio de Janeiro. Ali passamos a ter uma convivência diária e permanente. Eu, funcionário da Câmara, ele, Deputado Federal. Em seguida, temos Parsifal Barroso já Senador da República, cargo que muito enaltecia, talvez por representar o Ceará no contexto da Federação. Logo em seguida, vem a ser Ministro de Estado, ocupando uma Pasta enorme, importantíssima, que era o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, que também abraçava toda a Previdência Social. Então, Parsifal Barroso tinha por volta de 40 anos. Ali, naquele Ministério, tive o privilégio de ser seu secretário. Toda sua vida foi pontilhada de precocidade, uma precocidade que emergia de seus merecimentos de homem público culto e inteligente, profundamente preparado, sempre moderno, sempre atual, dono daquela bagagem que tanto admirávamos: a cultura humanística e

filosófica; seu grande senso ético e estético da vida; o seu extraordinário sentimento de utilidade. O Professor Parsifal Barroso dedicou sua vida aos outros; tinha, entretanto, uma grande vida interior. Eu conhecia o tesouro que era o seu espírito. Daí, certa feita, ter-lhe dito que eu era vocacionado a biografá-lo.

Nobre Deputado Lúcio Alcântara, imagino que Parsifal Barroso merece muito bem ser perfilado naqueles cadernos das grandes figuras que pontificaram no Parlamento brasileiro. Refiro-me à coleção “Perfis Parlamentares”. É um currículo admirável, é uma vida que sugere pesquisa, notadamente porque tinha uma existência interior profunda e perseguia a santidade no verdadeiro sentido cristão dessa linda palavra. Parsifal era um homem voltado não para o aplauso de que todos realmente carecemos: o aplauso do próximo, da sociedade, dos correligionários, mas para a consciência, dentro dele, de estar a perseguir, a buscar o ideal maior, que era a sua santidade. Parsifal jamais abrigou dentro de si um sentimento subalterno: o ódio, o ressentimento, o desejo de vingança. Ele era todo humildade, tolerância e paciência. Dava-nos aqui, com um sorriso permanente, aquele perdão de que carecemos nos momentos de exaltação. Quantas vezes defendemos causas difíceis por força do nosso contingenciamento político! Parsifal – V. Ex.^a bem o sabe – não tinha inimigos, mas admiradores e seguidores. Ele merecia – como teve – a admiração de toda a classe política brasileira, desde os primórdios da sua primeira militância.

Nobre Deputado Lúcio Alcântara, para encerrar este aparte que já se alonga, quero dizer a V. Ex.^a que sou um homem profundamente ligado à figura e ao espírito de José Parsifal Barroso. Fui seu genro durante anos. Parsifal é avô de minhas filhas, e elas têm muito orgulho desse grande avô. As circunstâncias nunca impediram que ele continuasse meu sogro, e eu, seu genro. Essa era a maneira como nos apresentávamos aos outros. Pois bem, perdemos esse grande amigo, chefe da nossa família, grande mestre e sábio. Portanto, nobre Deputado Lúcio Alcântara, com o coração de cearense, mando daqui a todos os nossos irmãos do Ceará o meu abraço fraterno de pesar e de solidariedade pela partida de Parsifal Barroso. Ele merece estar na galeria dos grandes homens do Ceará e sei que, quando do seu funeral, nosso Estado lhe tributou homenagens que bem atestaram a admiração, o apreço, o respeito e o orgulho da sua terra natal por seu filho ilustríssimo.

Nobre Deputado Lúcio Alcântara, permito-me expressar a V. Ex.^a os agradecimentos da família de Parsifal Barroso, de sua viúva, D. Raimunda Olga Monte Barroso – filha de um grande chefe político, o ex-Deputado constituinte Francisco Monte, o Coronel Chico Monte – ela que teve a ventura de ter um grande pai e um grande esposo; de seus filhos, de seus netos e, de forma particular, de minhas duas filhas.

O SR. LÚCIO ALCÂNTARA – Nobre Deputado Francisco Studart, acolho o aparte de V. Ex.^a como manifestação do brilho de sua inteligência e como um depoimento emocionado sobre essa grande figura que foi Parsifal Barroso, aparte esse que vai dar ao meu discurso um realce que ele certamente não teria, não fora a sua intervenção.

O Sr. Francisco Studart – É bondade de V. Ex.^a

O SR. LÚCIO ALCÂNTARA – Desejo agora referir-me ao Parsifal Barroso político, sempre imbatível e vitorioso em todas as disputas eleitorais que enfrentou, mesmo as mais difíceis e as mais acirradas, como, por exemplo, a de 1958, quando se

tornou Governador dos cearenses. Como político, caracterizava-se, entre outras coisas, por uma grande e muitas vezes inaparente coragem, que lhe permitia, nos momentos mais difíceis, tomar as decisões mais duras, e muitas vezes romper com os seus correligionários e aliados políticos, quando entendesse defender com entusiasmo o interesse público, do qual sempre foi indormido guardião.

Deputado Estadual, Deputado Federal, Senador da República, Ministro de Estado e Governador do Ceará, foi esta a sua carreira política, a sua trajetória vitoriosa, que, no meu entender, teve o seu ponto culminante com o seu mandato de Governador de Estado.

O meu discurso não pretende esgotar o assunto e muito menos transformar-se numa monótona enumeração das datas e dos eventos que caracterizaram a vida política de Parsifal Barroso, mas, sim, piñar aqui e ali aquelas facetas da sua personalidade que me pareceram mais marcantes e que assinalaram as culminâncias da sua vida pública.

Ministro de Estado em momento particularmente difícil da vida nacional, no Governo do Presidente Juscelino Kubitschek, numa das Pastas mais importantes, o Ministério do Trabalho, da Indústria e do Comércio, Parsifal Barroso se houve com tal equilíbrio entre as diversas correntes que então se entrecrocavam no meio sindical e trabalhista brasileiro, que dali sairia para aglutinar em torno do seu nome uma grande massa de lideranças políticas que o levou à memorável vitória, quando disputou o Governo do Estado do Ceará. Exerceu essa administração em meio a grandes dificuldades, não apenas de natureza política, mas, sobretudo, de ordem econômica. Num Estado pobre, com poucos recursos, Parsifal Barroso, sem perder aquela visão de humanista, olhou de maneira especial para os servidores públicos e para a Polícia Militar, que ainda hoje se recordam dele como um grande Governador. Instalou o Hospital de Saúde Mental de Messejana; fez a adução da água do Acarape para Fortaleza, àquela época uma obra quase ciclópica, considerando-se as limitações financeiras do nosso Estado; instalou a primeira Escola para Surdos-Mudos em Fortaleza; fundou a Escola de Administração e a Faculdade de Veterinária que, hoje, integram a Universidade Federal do Ceará. Teve a coragem, no início do seu Governo, de adotar medidas restritivas em relação a gastos com pessoal e com a administração pública, que lhe valeram desde logo o reconhecimento do seu pulso e da sua energia como Governador dos cearenses.

Ao concluir o seu mandato teve a visão e a exata compreensão da realidade política do Ceará. Num gesto de desprendimento, mais de renúncia, de que só são capazes as grandes almas, numa atitude desassombada, possibilitou a organização da chamada "União pelo Ceará", o que justamente possibilitou, no quadriênio seguinte, a realização de muitas obras e empreendimentos que deram ao Estado não apenas tranqüilidade e paz social, mas que permitiram a concretização de tudo a que o povo aspirava como sinal do desenvolvimento e do progresso material.

Voltou anos depois à Câmara dos Deputados e, finalmente, foi para o Tribunal de Contas do Distrito Federal, onde o alcançou a jubilação.

Parsifal Barroso regressou então ao Ceará e, fiel à sua natureza, continuou como o professor de sempre, o estudioso, o homem preocupado com as origens do nosso Estado, com o seu presente e o seu futuro.

Foi um grande político, vocacionado desde o berço; filho de Hermínio Barroso, ex-Deputado Federal; cunhado de Olavo Oliveira, um grande político; Deputado Federal e Senador da República; líder durante muitos anos do Partido Social Progressista

do Ceará; e, por fim, mas não por último, genro de Francisco de Almeida Monte, o homem que, durante anos, liderou grande parcela da zona norte do Estado do Ceará.

Este foi o mundo político, o mundo cultural, o mundo afetivo de Parsifal Barroso, e aquele que, realmente, o impulsionou às grandes realizações que o destino lhe reservou.

A morte dos homens públicos, uma condição a que mortal nenhum pode fugir, tem, todavia, o dom de fazer com que essas figuras retornem ao debate público; voltem à discussão, ao exame dos seus acertos e dos seus equívocos, pois humanos somos todos nós.

Não tenho a pretensão de ser um cientista político. Essa prospecção da História vai ficar para aqueles que quiserem se debruçar sobre a vida de Parsifal Barroso, julgá-lo com isenção e serenidade. Não só ele, mas os seus contemporâneos e todos os movimentos políticos que caracterizaram aquele período político do Ceará, e do qual ele foi ator preeminente.

O que queremos agora, neste instante, é justamente render a nossa homenagem, como cearense e como parlamentar, a esse homem que em vida foi um exemplo de dignidade, de decência e de correção, como homem público, pai de família, professor e intelectual, o qual a Câmara dos Deputados nunca poderia olvidar, fazendo, como faz agora, esta sessão solene, para consagrar sua memória.

Não poderia falar de Parsifal sem lembrar essa figura forte de D. Olga Barroso, que sempre esteve ao seu lado, que foi também sua sócia na alegria e na dor, em todos os momentos de dificuldade e de glória, presentes na trajetória de todos os políticos, principalmente daqueles que, como Parsifal, tiveram longa e frutífera atuação na vida pública do Ceará e do Brasil. A contemporaneidade não é boa juíza. O desatar das paixões políticas provoca tempestades, cega os homens, dificulta o exame objetivo e isento dos seus comportamentos e dos seus valores. Por isso mesmo, não poderíamos fazê-lo neste instante, ainda mais em tão curto espaço de tempo.

Encerro minhas palavras trazendo o pensamento de Otávio de Faria, dirigindo-me de modo especial à família de Parsifal, àquela que conviveu de perto com ele, nos últimos anos de sofrimento físico, quando não estava mais no cenário político nacional, mas no recesso do seu lar, com seus familiares, já sem participação ativa na vida política do Ceará e do País. São sempre momentos difíceis, de sofrimento. Mas é justamente neles que o homem se revela, cresce e se impõe pelos seus valores espirituais.

Dizia Otávio de Faria na *Tragédia Burguesa*:

“Censuro igualmente aqueles que tomam o partido de louvar o homem, aqueles que o admoestam e aqueles que com ele se divertem: só posso aprovar aqueles que tentam conhecê-lo pelo sofrimento.”

Muito obrigado. *(O orador é cumprimentado.)*

DEPUTADO MARCELO LINHARES

O SR. PRESIDENTE (José Frejat) – Concedo a palavra ao Sr. Marcelo Linhares, que falará pelo PDS.

O SR. MARCELO LINHARES (PDS – CE) – Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Sr. Deputados, minha cara amiga D. Olga Barroso e suas filhas, Vera e Olga Emília, a escolha pela Liderança do PDS para que neste momento homenageasse a memória de Parsifal Barroso, representando o nosso partido, ao qual pertenceu nos seus últimos dias de vida política, teria sido motivo de grande satisfação para mim, não fosse a tristeza de sua ausência na vida material.

Ouvimos o discurso do Deputado Lúcio Alcântara, que tão bem exaltou a figura de Parsifal Barroso como homem público, como intelectual e como professor. Perguntava-me sobre que ângulo abordar sua personalidade e lembrei-me de falar simplesmente sobre o homem Parsifal Barroso. Apesar de meu pai, Francisco Linhares, que me criou, haver sido colega de Hermínio Barroso na Assembléia Legislativa do Estado do Ceará, só vim a conhecer Parsifal Barroso, quando este, com ligeira diferença da idade que eu tinha, muito moço então, foi meu professor de Química, no Colégio Cearense. Só vim a saber anos depois o porquê de sua dedicação à Química. Dizia-me ele que uma das suas raras frustrações foi não ter sido médico, porque, no Ceará, não existia escola de Medicina, naquela época. A vida nos separou. Vim para o Sul quebrar a cabeça, procurar caminhos e voltei ao Ceará ainda rapaz. E, aí, fomos todos morar naquele quarteirão da Rua Silva, onde vivíamos como uma grande família. Ali vi morrer, nas pernas de Parsifal, o Sr. Machado, português, agente comercial, casado com uma baiana, D. Ercília. E quando o homem Parsifal Barroso chegou ao Ministério, uma de suas primeiras preocupações foi encaminhar os filhos de D. Ercília.

Pouco adiante, no mesmo quarteirão, morava o Juazeiro, preto enorme, dono de uma mercearia. E vi o homem Parsifal Barroso chegar ao Ceará, Ministro de Estado de um ministério que era um mundo – o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e Previdência Social. Quando da sua visita ao Ceará, a primeira pessoa que procurou foi o velho Juazeiro, homem que, segundo ele bondosamente dizia, merecia suas homenagens, pois havia em outras épocas lhe vendido fiado o cigarro Regência, que ambos fumavam.

Ouçó o nobre Deputado Evandro Ayres de Moura.

O Sr. Evandro Ayres de Moura – Deputado Marcelo Linhares, associe-me com pesar, porque se trata de morte, mas com aquela satisfação do cearense, pelo filho que teve e que engrandece o seu Estado, a essa homenagem que a Câmara presta hoje a José

Parsifal Barroso, ex-Parlamentar, que extrapolou o Ceará para ser o homem deste País. Ninguém mais do que ele representou o povo, a inteligência e a dignidade do Ceará. Sua vida foi uma constante de vitórias, apesar da sua simplicidade e humildade. Dizia ele que tinha ao seu lado, para lhe fazer vitorioso, a esposa e companheira de tantos anos, de personalidade, cultura e inteligência, que era D. Olga Barroso. Difícilmente se encontra em nosso Estado pessoa de tão múltiplas faces no sentido de grandeza. Teólogo, sabia mais religião, mais teologia, discutia com mais fé e segurança do que o mais douto dos prelados que dirigisse a Igreja do Ceará. Químico, poucos sabiam mais do que ele. Historiador profundo, sociólogo, político, palmilhou todos os degraus, de Deputado Estadual, Deputado Federal, Senador da República, Governador de Estado, Ministro e encerrou sua carreira como Ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal. Humilde, era daqueles que faziam caridade sem humilhar aquele que a recebia; muitas vezes parecia mais humilde do que quem a recebia. Cito uma frase magistral de S. Ex^a entre tantas outras, sobre a caridade, que retrata sua personalidade: “Falo da caridade, que consiste em não causarmos a menor mágoa a quem quer que seja, a caridade que mede as palavras e regula os nossos atos, para que nunca, em circunstância alguma, coloquemos o nosso egoísmo, a pretexto de nossa felicidade, acima do dever de nossa bondade”.

O Ceará chora o seu grande morto, mas sente-se orgulhoso porque feliz o Estado que tem em sua história um homem da grandeza moral, intelectual e política de Parsifal Barroso para ser homenageado e servir de exemplo às gerações futuras.

O SR. MARCELO LINHARES – Nobre Deputado Evandro Ayres de Moura, agradeço a V.Ex^a o aparte, que dará substância ao meu discurso.

O Sr. Raul Bernardo – Permite-me V.Ex^a um aparte?

O SR. MARCELO LINHARES – Permita-me, antes, conceda-o ao nobre Deputado Celso Peçanha.

O Sr. Celso Peçanha – Nobre Deputado Marcelo Linhares, o lamento não é somente do Ceará. Nos idos de 1950, fui colega, no Parlamento, de Parsifal Barroso, aquele cearense cheio de espírito religioso e repleto de patriotismo. Parsifal Barroso extravasava, na Câmara dos Deputados, nas comissões a que pertenceu e no plenário, um sentimento de amor ao País e de segurança no servir à causa pública. Todos os parlamentares adivinhavam, desde logo, que aquele cearense haveria de atingir as culminâncias da vida pública. Teria que ser Governador do seu Estado e Ministro. Foi ocupante de todas essas posições sempre para servir. Admirava-o, pois seu espírito religioso não era somente da reza infecunda, do palavrorio sem sentido. Como Governador do Ceará procurou transformar todo aquele espírito voltado para Deus e para as Escrituras em realidade, dando força e vigor à sua esposa para realizar uma obra fecunda no Estado que V.Ex^a representa com tanto brilho e com tanta serenidade aqui na Câmara. Junto a minha voz à dos cearenses, dizendo que Parsifal Barroso ocupou uma posição de destaque no Parlamento brasileiro. O seu nome há de ficar sempre, pelos serviços que prestou à Pátria, no Ministério e no Parlamento, sempre procurando servir a causa do País. Estou a relembrar sua figura, a reviver sua vida e obra com

saudade, porque sei que os parlamentares cearenses, aqui, no dia-a-dia do Parlamento, estão sempre a revivê-lo, através dos seus trabalhos fecundos nas comissões e no plenário.

O SR. MARCELO LINHARES – Muito obrigado, Deputado Celso Peçanha, pelo seu aparte. Realmente, Parsifal Barroso foi uma figura ímpar não só no Ceará, mas também na política brasileira.

O Sr. Raul Bernardo – Permite-me V.Ex.^a um aparte?

O SR. MARCELO LINHARES – Tem a palavra V.Ex.^a

O Sr. Raul Bernardo – Nobre Deputado Marcelo Linhares, no exercício eventual da Liderança do nosso partido, hoje desejo apartear V.Ex.^a no momento em que enaltece mais uma vez, com sua atilada inteligência, com seu conhecimento da vida do homenageado, as virtudes incomensuráveis de Parsifal Barroso, nesta justa homenagem, que já tardava e que a Câmara dos Deputados presta à memória do inolvidável homem público do Ceará. Deputado Marcelo Linhares, quero louvar o autor do requerimento de homenagem, Deputado Lúcio Alcântara, seu companheiro e conterrâneo do Ceará. *No momento em que aparteio V.Ex.^a, faço questão de relembrar um dos episódios que ficaram marcados na minha inteligência sobre a figura notável de Parsifal Barroso.* Estava eu exatamente na tribuna que V.Ex.^a hoje ocupa, durante a Legislatura de 1975 a 1979, e discorria, em um agradecimento que fazia à Casa, sobre o centenário de nascimento do meu saudoso avô paterno, Nélson de Sena, que foi historiador, Deputado Federal várias vezes por Minas Gerais, fundador da Academia Mineira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, além de outros postos que ocupou durante sua longa existência. Pois bem, discorria eu sobre a personalidade e os trabalhos, 63 obras publicadas por Nélson de Sena, quando fui surpreendido pela palavra flamejante, culta e inteligente de Parsifal Barroso. S.Ex.^a se havia levantado justamente dessa cadeira, que ocupava como Líder do nosso partido, a ARENA, e que, neste instante, está sendo ocupada por sua viúva, D. Olga, a quem desejamos estender a nossa homenagem, e às suas diletas filhas, que aqui também nos honram com suas presenças. Então, deste microfone em que aparteio V.Ex.^a, Parsifal Barroso surpreendia a mim e à Casa com os conhecimentos da sua notável cultura humanista, pois que não só conhecia toda a obra geográfica de Nélson de Sena, como, igualmente, inúmeros trabalhos sobre Minas Gerais e dos mais diversos autores. Com aquela sua conduta e inteligência fulminante, deixava-nos como que prostrados diante da sua cultura, aprofundada em todos os aspectos do saber, características que tornaram sua personalidade realmente invulgar nos quadros políticos da Nação.

Invoco esse simples episódio, porque tudo que Parsifal Barroso conseguiu na vida foi à custa do trabalho percuciente, da inteligência atilada, da capacidade e de uma cultura abalizada, características que o levaram a ocupar inúmeros cargos na sua extensa vida pública. Quero parabenizar V.Ex.^a pela sua brilhante oração nesta tarde e comungar com a homenagem que igualmente presta à memória desse notável brasileiro, Parsifal Barroso.

O SR. MARCELO LINHARES – Deputado Raul Bernardo, eu é que devo agradecer V.Ex.^a ter retratado tão bem a cultura e a inteligência do homenageado de hoje, quando se falou sobre seu avô paterno Néilson de Sena. V. Ex.^a tem gabarito para prestar esta homenagem a Parsifal Barroso, porque é quem melhor representa nesta Casa, creio, a figura do seu avô materno, o grande João Pinheiro, que, como Parsifal Barroso, foi tudo na sua vida pública e, principalmente, ainda bem jovem.

Tem a palavra V.Ex.^a, Deputado Vasco Neto.

O Sr. Vasco Neto – Deputado Marcelo Linhares, aparteio-o, ant ; de tudo, emocionado.

O SR. MARCELO LINHARES – Compreendo a emoção de V.Ex.^a, porque era, na realidade, um dos amigos íntimos de Parsifal Barroso nesta Casa. V.Ex.^{as} faziam parte do mesmo grupo de cristãos, juntamente com sua esposa e D. Olga. V.Ex.^a tem razão de estar emocionado.

O Sr. Vasco Neto – Parsifal Barroso era tudo o que meus colegas que apartearam V.Ex.^a disseram e, também, que V.Ex.^a e o orador que o antecedeu proclamaram. Mas toda essa grandeza de inteligência, toda essa grandeza do ser humano estava emoldurada por uma modéstia sem-par. Poucos homens de tanto talento, de tanta força política e moral, tiveram por moldura a figura humilde e cabisbaixa de Parsifal Barroso. Muitas vezes, minha querida D. Olga, eu os vi, passo a passo, de mãos dadas, caminhando pela nossa quadra, sussurrando carinhosamente ao ouvido, talvez a saudade, talvez o amor de sempre. Quantas vezes, neste microfone de apartes, o companheiro de Liderança era socorrido pelo talento e pela dialética de Parsifal Barroso. Várias vezes, juntos, estudávamos ou relíamos o Evangelho, o Velho Testamento, a Suma Teológica, porque Parsifal Barroso era profundo conhecedor da religião e a praticava não só com o coração, mas com a inteligência. A fé de Parsifal Barroso era de amor e de talento. Por isso aparteio V.Ex.^a em nome de um pequeno partido da linha ideológica de Parsifal Barroso, o Partido Social Cristão, que não quer ir nem para a esquerda nem para a direita, mas para a frente e para o alto, para a transcendência das idéias cristãs do povo brasileiro. Faça-o também em nome da velha e tradicional Bahia, que S.Ex.^a tanto amou, para dizer-lhe que na grandeza da alma transcende a grandeza do coração de Parsifal Barroso, que foi, acima de tudo, talento, fé e amor. Que Deus o tenha na sua glória, que a sua memória sempre ilumine esta Casa e que seja o orgulho da família que tanto amou e com tanto desvelo a ela se dedicou.

O SR. MARCELO LINHARES – Muito obrigado, Deputado Vasco Neto, pelas suas palavras. V.Ex.^a traduziu muito bem a personalidade de Parsifal Barroso.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, prosseguindo, daquele velho quartirão da Silva Pantel, Parsifal Barroso reiniciou sua vida pública, porque ele já havia sido Deputado Estadual em 1934, Constituinte Estadual no Ceará, eleito Deputado Classista. Dizia-me jocosamente ter sido o primeiro Deputado cassado no Brasil. Encontrava-se ele na tribuna da Assembléia Legislativa do Estado quando recebeu do Presidente um bilhete que lhe comunicava ter sido seu sindicato cassado e, em consequência, o seu mandato também. E que ele aproveitasse, pois seriam aquelas as suas últimas palavras como

Deputado Estadual. Ele sempre me dizia ter sido o primeiro Deputado cassado no Brasil.

Reiniciava, portanto, Parsifal Barroso a sua vida pública como Deputado pelo Partido Popular Sindicalista, pelo Estado do Ceará. Partido esse sob a direção do grande homem público, seu cunhado Olavo Oliveira, que depois se transformou no Partido Social Progressista, sob a direção de Adhemar de Barros. Daí, Parsifal chegou a Deputado Federal, a Senador da República, a Governador do Estado. E, como Governador do Estado, deu a maior demonstração de desprendimento, queimando-se em holocausto daquilo que ele acreditava ser a união dos cearenses em prol do Ceará. Acreditava naquela sua pregação, tanto que se imolou em praça pública. Deixando o Ceará, seguiu o seu caminho. Teria voltado a esta Casa e trilhado grandes caminhos novamente. Mas desta fase de Parsifal Barroso, no Governo do Estado, devo-lhe pessoalmente, e minha família, o grande obséquio por ter sido ele o único Governador do Estado, o único homem público do Ceará que prestou homenagens ao primeiro cearense que atingiu a Presidência da República, José Linhares. Ele consagrou o prédio do Departamento de Autônomos de Estradas de Rodagem do Estado do Ceará a José Linhares, por este ter sido o autor da lei que criou o Fundo Rodoviário Nacional, que permitiu a construção daquele prédio. Foi, portanto, o único homem público do Ceará que tributou homenagens à figura do Presidente José Linhares.

Tem a palavra o nobre Deputado César Cals Neto.

O Sr. César Cals Neto – Nobre Deputado Marcelo Linhares, queria dar o meu depoimento sobre uma das páginas mais ricas da história do Ceará e – por que não dizer – do nosso País, isto é, a vida, a luta e o trabalho de Parsifal Barroso nas mais diversas funções públicas que ele exerceu com honradez, com simplicidade, com competência e espírito público, sempre procurando fazer o bem. Também quero dar meu testemunho – com um pequeno detalhe – que mostra o fundo da alma de Parsifal Barroso: nos meus dez anos de idade, aluno do Colégio Castello Branco, ao lado de vários outros companheiros de infância, sempre pedia carona da Rua Costa Barros até o centro da cidade de Fortaleza. Numa das vezes lá estava o Governador do Estado, que, vendo aqueles alunos, despojou-se de toda sua pompa, de toda sua importância e abriu as portas do veículo oficial do Governo do Estado do Ceará para receber aqueles estudantes. Isso é uma demonstração clara da simplicidade, da solidariedade, da fraternidade que havia em Parsifal Barroso. Depois, ao longo da minha vida profissional, como Prefeito de Fortaleza, como Deputado Federal, sempre recebi de Parsifal Barroso palavras amigas, fraternas, de um segundo pai, daquela pessoa que sempre quer o bem da sua terra e dos seus cidadãos. Nobre Deputado Marcelo Linhares, quero inserir no seu brilhante pronunciamento o meu depoimento sobre aquele que foi um dos maiores homens públicos do nosso Estado.

O SR. MARCELO LINHARES – O depoimento de V.Ex.^a, Deputado César Cals Neto, enriquece o meu discurso, porque mostra outra faceta da personalidade de Parsifal Barroso. Profundamente humano, como disse, acima de tudo não fazia aquilo pelo benefício imediato, mas por ser bom, generoso, grande.

No ano de 1970 Parsifal Barroso e eu nos encontramos em campanha política para vir a esta Casa. Vi-o despojado de tudo, naquela dificuldade que se tem em Fortaleza, no Ceará, em campanha para atingir a Câmara dos Deputados. Vi sua sofrida campanha de

1970. S.Ex^a, que tudo tinha sido naquele Estado, que tudo tinha em mãos naquele Estado, fez uma campanha sacrificada, embora o povo o tenha prestigiado nas urnas. E isso foi dito aqui pelo Deputado Lúcio Alcântara, inclusive sobre aquele homem da Polícia Militar do Ceará, que ainda hoje não se esquece do seu patrono, Parsifal Barroso. Chegamos juntos a esta Casa e aqui compartilhamos, no 23º andar do Anexo I, uma sala que se chamava Ceará.

Ouçó o nobre Deputado Edme Tavares.

O Sr. Edme Tavares – Nobre Deputado Marcelo Linhares, vejo que há duas coincidências admiráveis no destino dos homens. Filho de Cajazeiras, cidade limítrofe com o Ceará, acompanhei de perto, ainda jovem, a vida pública de Parsifal Barroso. Quando estudante secundarista, no Colégio Diocesano do Crato, pude presenciar, por várias vezes, na tribuna da praça pública, o então candidato a Governador Parsifal Barroso. Naquela luta política me entusiasmei com os seus discursos vibrantes, altivos e sinceros, e comecei a admirá-lo, mesmo sem votar no Ceará. Guardei aquela lembrança, hoje bem votiva, do eminente homem público que honrou as tradições culturais, políticas e sociais do Ceará e que marcou, pela contribuição do seu talento, do seu devotamento à causa pública, a melhor presença do Ceará nesta Casa.

Ao associar-me às homenagens que V.Ex^a e a Câmara dos Deputados prestam ao eminente e saudoso homem público Parsifal Barroso, teria a dizer, nesta oportunidade, que a heróica e brava Paraíba se une neste instante à saudade de todos os brasileiros. O nome de Parsifal Barroso ficará sempre presente, não apenas nos *Anais* desta Casa, mas na História do Ceará, na admiração e no respeito dos brasileiros.

O SR. MARCELO LINHARES – Muito obrigado a V.Ex^a pelo aparte. A Paraíba, o rincão pequenino, falou pela boca de V.Ex^a neste momento. Espero que seja levado avante aquele pensamento aqui traduzido pelo Deputado Francisco Studart, de que Parsifal Barroso seja objeto de um dos “Perfis Parlamentares” publicados por esta Casa, de que já temos tantos. Sua personalidade necessita realmente daquele registro para que fique indelevelmente marcada sua passagem por esta Casa.

Neste 23º andar, dizia eu, do Anexo I, em que dividíamos a chamada sala Ceará, passei a conhecer Parsifal realmente de perto como colega, como amigo e comecei a usufruir de todo aquele ensinamento que ele me podia dar. Naturalmente que não poderia absorver tudo, porque não tinha dele a personalidade, a inteligência e aquelas qualidades que o adornavam. Dali viemos juntos para a Liderança da então ARENA. E nos foi designada pelo Líder José Bonifácio a sexta-feira, que era o dia – dizia o nosso inesquecível Deputado José Bonifácio – das grandes doidices, o dia em que se aproveitava o plenário vazio para se fazerem os discursos mais incandescentes. Por isso eu o chamava de Robinson Crusóe. E ele, por sentar-me ali junto, chamava-me de Índio Sexta-Feira. Assim ficávamos, durante muito tempo, os dois aqui juntos defendendo nosso partido.

Vi sua volta a esta Casa e vi, com tristeza, a saída do homem para o Tribunal de Contas do Distrito Federal porque Parsifal tinha sempre algo a contribuir para a grandeza do Plenário da Casa. O Deputado Raul Bernardo chamou nossa atenção, quando num aparte ele demonstrou conhecimento da literatura de Minas Gerais mais do que esperava. Conto um fato: Geraldo Freire era Líder da então ARENA. Era o dia 19 de abril, aniversário de Getúlio Vargas. Parsifal chegava ao meio do plenário, Geraldo

Freire levanta-se e vai encontrá-lo, dizendo: “Só você pode falar pelo nosso partido.” Aqui, desta tribuna, assisti a Parsifal, de improviso, sem preparação, sem aviso prévio, fazer uma das mais belas análises da personalidade do ditador Getúlio Vargas. Parsifal era, podemos dizer, na linguagem corrente, um gênio. Hoje estamos aqui, nesta sessão comemorativa, para chorar a sua partida, para lamentar a vida intelectual do Ceará, pois agora que ele se encontrava aposentado, fora dos seus afazeres, muito teria ela a lucrar com a sua presença, com o seu talento.

Mas a fé que sempre o alimentou, a fé que alimentava a grande companheira de sua vida, D. Olga, a fé que nos alimenta a todos, fará com que aceitemos com resignação a sua ausência. Dele poderíamos dizer, parafraseando Pinheiro Chagas, que viveu sempre com o coração acima do estômago e a cabeça acima do coração.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente. *(O orador é cumprimentado.)*

DEPUTADO AMAURY MÜLLER

O SR. PRESIDENTE (José Frejat) – Concedo a palavra ao Sr. Amaury Müller, que falará pelo PDT.

O SR. AMAURY MÜLLER (PDT – RS) – Sr. Presidente, Srs. Deputados, Exm^{as} Sr^a Raimunda Olga e suas diletas filhas, Vera e Olga Emília, honra-me sobremodo, ocupando eventualmente a liderança do meu Partido nesta Casa, evocar e homenagear a memória de uma das mais ilustres e humanas figuras que o Parlamento brasileiro conheceu e com quem tive o grato privilégio de conviver: José de Parsifal Barroso. Todas as palavras, todas as frases, todas as adjetivações que um homem possa buscar no âmago do seu ser sempre serão insuficientes para traçar o perfil de um homem cuja vida foi totalmente dedicada ao respeito integral dos direitos da pessoa humana. Mas poucos homens, raríssimos homens, num mundo conturbado, cheio de intolerância, incompreensões e de ódios, são capazes de fazer história. Parsifal Barroso fez. Não seria demais, portanto, que o PDT, ao evocar o ilustre companheiro que infelizmente nos deixou, mas que permanece vivo na consciência nacional, lembrasse algumas passagens da sua profícua e extraordinária vida pública.

Nascido a 5 de julho de 1913, em Fortaleza, filho de Hermínio Barroso – advogado, comerciante, professor e Deputado Federal pelo Ceará de 1918 a 1920 – e de D. Emília Cunha Barroso, José de Parsifal Barroso teve inquestionavelmente uma das carreiras mais fulgurantes e fecundas da história política nacional.

Ouçó, com muito prazer, o nobre Deputado José Genoíno.

O Sr. José Genoíno – Nobre Deputado Amaury Müller, não poderia deixar de me juntar a V.Ex^a nesta manifestação de homenagem póstuma ao Professor Parsifal Barroso. Fui seu aluno na Faculdade de Filosofia do Ceará, nos anos de 1967 e 1968, período em que assumi a direção do Centro Acadêmico e, depois, do Diretório Central dos Estudantes. Com ele convivi numa relação democrática, de compreensão inclusive para com o próprio movimento estudantil de 68, do qual eu era um dos líderes na cidade de Fortaleza. Era uma convivência amiga, democrática e não-autoritária, no curso de Filosofia, do qual ele era um dos professores.

Gostaria de registrar nesta homenagem o conhecimento e a convivência que tive com o Professor Parsifal Barroso, que ficou como uma relação democrática, principalmente porque, àquela época, na universidade brasileira, havia professores que tinham uma postura democrática compreensível e outros com posturas autoritárias e incompreensíveis.

Muitas vezes, o Professor Parsifal Barroso se negava a cumprir determinações superiores quanto ao tratamento dado ao Centro Acadêmico que eu dirigia e,

especialmente, à minha pessoa, na condição de presidente do Diretório Central dos Estudantes.

Este testemunho, faço questão seja registrado nesta sessão da Câmara dos Deputados, porque se refere a um fato muito marcante. Na faculdade em que eu estudava, o Professor Parsifal Barroso, ao lado de alguns poucos professores, tomava essa atitude compreensível e democrática no convívio com o movimento estudantil daquela época, que tinha um importante papel na luta contra a ditadura militar, contra o AI-5 e contra a repressão política.

O SR. AMAURY MÜLLER – Agradeço a V.Ex^a o aparte.

Prossigo, Sr. Presidente.

Tendo iniciado seus estudos no Liceu do Ceará, em 1925, já em abril de 1931 foi nomeado catedrático interino de Alemão do mesmo Liceu e também professor de Química e História Natural, enquanto estudava Direito. Bacharelado, em dezembro de 1933, no curso de Ciências Jurídicas e Sociais, foi orador da turma e, em 1936, eleito Deputado Classista à Assembléia Legislativa do Ceará, ali permanecendo até o advento do Estado Novo, em 1937, quando passou a dedicar-se à advocacia e ao magistério.

Designado pelo Ministério da Educação examinador do concurso para a cadeira de Economia Política da Faculdade de Direito do Ceará, tornou-se também professor de Filosofia e Ciências Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências Econômicas do Ceará. Em 1947 elegeu-se Constituinte no Ceará, pela legenda do Partido Social Democrático. Em 1949 abandonou o magistério, passando, daí em diante, a exercer apenas a carreira política.

No pleito de 1950 foi eleito Deputado Federal pelo PSP, sendo o relator do Plano de Valorização da Amazônia. Ingressando depois, em 1954, no Partido Trabalhista Brasileiro, elegeu-se Senador pelo seu Estado, por uma coligação partidária formada pela UDN, pelo PR e pelo PTB. Com a posse de Juscelino na Presidência da República, foi nomeado, em 1956, Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio.

Tendo assumido o Ministério numa época de crise política, em função dos compromissos estabelecidos com a coligação partidária que levara JK ao poder, Parsifal Barroso refletiu a oscilação entre a tentativa do Governo de estabelecer relações diretas com os sindicatos e o desejo de controlá-los.

O ex-Deputado, Senador e Ministro José Parsifal Barroso foi também membro da Frente de Novembro, movimento fundado pelo Coronel Nemo Canabarro Lucas, com o objetivo de dar conteúdo político ao movimento de novembro de 1955, liderado pelo General Henrique Teixeira Lott. A Frente de Novembro opunha-se ao Clube da Lanterna, liderada pelo jornalista Carlos Lacerda. Com a colaboração de Parsifal, os comunistas promoveram, em 1º de setembro de 1956, uma homenagem dos trabalhadores ao Duque de Caxias e, outra, no Palácio da Guerra, ao General Lott, patrono da Frente de Novembro.

Ainda como Ministro do Trabalho, Parsifal Barroso foi chefe da Representação Brasileira à Conferência Internacional do Trabalho, realizada em Genebra, em 1956, e no ano seguinte presidiu a Comissão de Enquadramento Sindical. Voltando ao Senado, em 30 de junho de 1958, com o intuito de desincompatibilizar-se do cargo para concorrer ao Governo do Ceará, foi eleito, a 3 de outubro daquele ano, através de uma coligação entre o PSD, o PTB e o PRP, Governador do Estado.

Exerceu o Governo do Estado sob três presidências da República: Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart, com quem terminou rompendo politicamente.

Durante os primeiros anos do regime instaurado em 1964, retirou-se das funções públicas, só retornando em 1970, quando se elegeu Deputado Federal pela Arena, partido situacionista pelo qual foi reeleito em 1974. Em 30 de junho de 1977 renunciou ao seu mandato para assumir o cargo de Ministro Conselheiro do Tribunal de Contas do Distrito Federal, do qual foi Presidente em 1979.

Além de político, professor e advogado, Parsifal Barroso foi também jornalista, redator do jornal *O Estado*, sócio do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro e membro da Associação Cearense de Imprensa.

Casado com D. Raimunda Olga Monte Barroso, com quem teve cinco filhos, o nosso homenageado deixou ainda para a posteridade uma vasta obra publicada, destacando-se *O Cearense* (1969), *Na Casa do Barão de Studart*, do mesmo ano, *Um Francês Cearense* (1973) e *Senador Pompeu, um cabeça chata autêntico* (1978).

Homem de seu tempo, Parsifal Barroso viveu intensamente o drama dos que, despojados de seus direitos, vegetaram nos campos e nas cidades, ao longo de 21 anos de autoritarismo e de arbítrio.

Gaúchos e cearenses sempre guardaram historicamente profunda identidade. Cearenses e gaúchos são seres telúricos, amantes da terra, porque aprenderam a rasgar seu ventre para nela jogar as sementes do progresso e dela retirar o sustento das bocas que passam fome.

Sinto-me profundamente emocionado com a perda do colega, do companheiro e do amigo, com a presença de sua família neste plenário e com a perspectiva de que, tão cedo, o Ceará não gerará um homem do porte, da altivez e da grandeza de Parsifal Barroso.

Com ele convivi durante quase duas legislaturas e, no meio de uma delas, a segunda, fui brutalmente afastado do seu convívio pela cassação do mandato popular que o povo do Rio Grande do Sul me havia delegado. Nesse período, aprendi a admirá-lo e, sobretudo, a respeitá-lo. Dele hauri enorme experiência e dele também divergi, mas – creia, D. Olga – as nossas divergências, de cunho operacional, talvez, foram tão sinceras, tão honestas, tão conscientes, tão respeitáveis que, em vez de cavar entre nós um profundo e insondável abismo, serviram para nos aproximar, para nos tornar mais amigos e, sobretudo, irmãos.

Ocorre-me nesta breve e despretensiosa intervenção uma indagação que Bertold Brecht, vendo o mundo entrecocar-se pelo egoísmo e pela avidez, fazia: “Que mundo é este, que fala em paz e faz a guerra; que prega o desenvolvimento econômico e submete milhões de seres humanos a verdadeiras tragédias?” Que mundo é este? – deve estar indagando, nos páramos eternos, Parsifal Barroso.

Posso ver Parsifal Barroso como um pássaro, riscando o azul do céu e escrevendo uma alegoria em nome da paz, ocupando a sua tribuna parlamentar, a sua cadeira nas Comissões Técnicas, o seu importante cargo no Governo do Distrito Federal, como homem que jamais abandonou a primeira trincheira da liberdade, que nunca fugiu aos compromissos históricos de fazer deste País uma verdadeira democracia.

Concluo, Sr. Presidente, dizendo que o Rio Grande do Sul, ao reverenciar a memória do inesquecível companheiro, amigo e irmão Parsifal Barroso, diz a D. Olga e diz a suas filhas: “Repousa em paz um velho guerreiro, sua luta não foi em vão.”

Muito obrigado. *(O orador é cumprimentado.)*

DEPUTADO FRANCISCO DIAS

O SR. PRESIDENTE (José Frejat) – Concedo a palavra ao Sr. Francisco Dias, que falará pelo PMDB.

O SR. FRANCISCO DIAS (PMDB – SP) – Sr. Presidente, Srs. Deputados, é-me muito grata esta oportunidade de poder, em nome da bancada do PMDB neste Parlamento, homenagear Parsifal Barroso; eu o faço com muita honra e alegria, por duas razões: a primeira delas, por ser meu colega, embora tenha sido um ex-Deputado Federal; em segundo lugar, porque é meu conterrâneo. Deputado por São Paulo, nasci no Ceará, exatamente no ano em que ele assumiu lá o seu primeiro mandato parlamentar, como Deputado Estadual. Não o conheci pessoalmente, mas sim através da história dos meus familiares que ainda estão enraizados, em grande parte, no Estado do Ceará: a família Alves, a família Dias, a família Duarte, a família Saraiva e a família Távora.

Não quero tomar muito tempo, nem ser cansativo para os presentes, mas em nome do PMDB, da nossa bancada federal, quero prestar a D. Olga Emília, a D. Vera e a toda a sua família a nossa homenagem sentida, as nossas condolências, os nossos sentimentos pela perda daquele que foi, sem dúvida nenhuma, um grande espelho para este Parlamento, um grande espelho para o nosso povo do Ceará e um grande exemplo para todo o povo brasileiro.

Temos ouvido muitas histórias de cearense, e às vezes rimos delas. Dizem os historiadores que o cearense é arrojado, destemido e forte, e eu passo a acreditar que é verdade. Quando se lê a biografia de Parsifal Barroso tem-se a idéia exata desse homem bravo, valente, duro no trato, mas de coração simples, humilde e cheio de amor.

Fiquei muito contente ao ler a sua biografia e saber que, além de professor como eu, foi advogado, Deputado Estadual, Federal, Senador, Governador, Ministro de Estado e Conselheiro.

Além de tudo isto ele era um homem de profundo sentimento religioso. Soube inclusive que ele, juntamente com a sua família, fez parte do Grupo Parlamentar Cristão no Congresso, grupo este do qual fui Presidente quase dois anos – fico muito feliz em saber de tudo isto.

Portanto, na palavra de cada um dos oradores, iniciando-se pelo ilustre Deputado Lúcio Alcântara, que também faz parte do nosso grupo parlamentar, assim como de todos os companheiros que passaram pela tribuna nesta tarde, quero deixar esse testemunho de amizade, admiração, companheirismo e de amor cristão à sua família aqui presente.

Somos de uma mesma terra. Vivemos em lugares diferentes e representamos outras plagas, mas somos de uma mesma terra, de um mesmo torrão, de uma mesma luta e de uma mesma bravura. Estamos juntos na mesma luta e somos do Nordeste, nós e Parsifal

Barroso. Que ele viva realmente no coração de cada um dos brasileiros, tal como ficou no coração de cada um dos seus colegas neste Parlamento.

Concedo o aparte ao nobre Deputado Jorge Arbage.

O Sr. Jorge Arbage – Nobre Deputado Francisco Dias, demorei um pouco a vir a este microfone, em função – confesso a V.Ex.^a – da emoção. Sou dos poucos representantes residuais daquela bancada da Arena que, ao lado de Parsifal Barroso, nesta mesma cadeira em que se encontra sua esposa, participávamos do colégio de vice-líderes do partido do Governo. Os outros oradores já dimensionaram todas as virtudes que caracterizavam a personalidade desse grande nordestino, mas uma, talvez a mais importante e mais sublime de todas, tinha a minha profunda admiração: era sua condição de líder católico. Parsifal tinha, realmente, uma profunda fé em Deus. Juntamente com ele, nesta tribuna, conversávamos muitas vezes a respeito de problemas desta Nação, e juntos lamentávamos que, estando no fórum dos grandes debates nacionais, não pudéssemos realmente, tão poucos que éramos, encontrar as soluções desejáveis. Perguntava, há poucos instantes, ao nobre Deputado Marcelo Linhares por que tardou tanto esta homenagem em memória a Parsifal Barroso. S. Ex.^a me explicou e me convenceu. A Câmara dos Deputados foi por ele muito dignificada pela pujança da sua coragem e a exuberância do seu trabalho, e nós queremos simplesmente dizer que nos regozijamos pela certeza de que Parsifal Barroso tem sua alma em descanso ao lado de Deus.

O SR. FRANCISCO DIAS – Nobre Deputado Jorge Arbage, agradeço a V.Ex.^a a gentileza do aparte que incorpore ao meu discurso.

Concluindo, pediria, Sr. Presidente, que a taquigrafia registrasse a história desse homem que se encontra no Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Deixamos aqui o testemunho da liderança do PMDB nacional na nossa palavra de admiração, de estímulo e de saudade àquele que foi, sem dúvida alguma, um dos maiores brasileiros, que soube honrar o Brasil tanto aqui quanto no exterior, mostrando ao mundo a grandeza, a bravura e a inteligência do homem brasileiro. A D. Olga, a suas filhas e a toda a sua família nosso abraço, em nome de todo o PMDB.

Muito obrigado. *(O orador é cumprimentado.)*

DOCUMENTO A QUE SE REFERE O ORADOR EM SEU DISCURSO

BARROSO, Parsifal

* dep. fed. CE 1951-1955; sen. CE 1955-1956; min. Trab. 1956-1958; sen. CE 1958-1959; gov. CE 1959-1963; dep. fed. CE 1971-1977.

José Parsifal Barroso nasceu em Fortaleza no dia 5 de julho de 1913, filho de Hermínio Barroso, comerciante, advogado, professor e deputado federal pelo Ceará de 1918 a 1920, e de Emília Cunha Barroso.

Fez os primeiros estudos em Fortaleza e o curso secundário no Liceu do Ceará de 1925 a 1929, matriculando-se, no ano seguinte, na Faculdade de Direito do Ceará. Ainda em 1930 concorreu à cadeira de livre-docente de Química do Liceu, com a tese “As teorias de Geber”, que viria a publicar em 1939. A congregação daquele estabelecimento, porém, não aceitou sua inscrição, por ser o candidato menor de 21 anos. Em

abril de 1931 foi nomeado catedrático interino de Alemão no mesmo Liceu, matéria que continuou lecionando até 1934, ingressando, assim, definitivamente no magistério. Foi também professor de Química e de História Natural enquanto estudava Direito. Como acadêmico, fundou, promoveu e presidiu uma organização de universitários católicos. Em dezembro de 1933 bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, sendo escolhido orador da turma.

Em 1935 foi nomeado procurador seccional do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (IAPC). No ano seguinte foi eleito deputado classista à Assembléia Legislativa do Ceará, representando o professorado e os empregados do comércio, indústria e transportes. Permaneceu na Assembléia até o advento do Estado Novo (10-11-1937), que suprimiu os órgãos legislativos do país, e a partir de então passou a dedicar-se à advocacia e ao magistério. Em 1937 representou o Ceará, no III Congresso Sul-Americano de Química, tendo sido eleito secretário da seção de ensino de química. Em 1939 ingressou na Ação Católica Brasileira de Fortaleza e, no ano seguinte, passou a ser dirigente da entidade, colaborando com Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, então arcebispo de São Paulo, na organização da Ação Católica do Maranhão. Ainda em 1940, foi designado pelo Ministério da Educação examinador do concurso para a cadeira de Economia Política da Faculdade de Direito do Ceará. Tornando-se professor de Filosofia e Ciências Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências Econômicas do Ceará, foi também sócio fundador e primeiro presidente do Sindicato de Professores daquele Estado e membro do Instituto do Nordeste. Como advogado, ocupou os cargos de presidente da Comissão Mista de Conciliação e Julgamento de Fortaleza e de procurador da Previdência Social do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

Com a volta do país à normalidade democrática, após a deposição de Vargas e a eleição do General Eurico Dutra para a Presidência da República em 2 de dezembro de 1945, no pleito de janeiro de 1947 elegeu-se deputado constituinte no Ceará na legenda do Partido Social Democrático (PSD). Participou da elaboração da Constituição do Ceará e após sua promulgação passou a exercer o mandato ordinário. Foi eleito primeiro-secretário quando da recomposição da mesa, função à qual renunciou posteriormente. Participou das Comissões de Educação e Cultura e de Finanças e Orçamento da Assembléia. Em 1949 abandonou o magistério, dedicando-se, daí em diante, apenas à carreira política.

No pleito de 3 de outubro de 1950, que elegeu Getúlio Vargas Presidente da República, foi eleito deputado federal pelo Ceará na legenda do PSD, assumindo sua cadeira em fevereiro do ano seguinte, após deixar a Assembléia de seu estado. Nessa legislatura foi membro da Comissão de Finanças, sendo o relator do Plano de Valorização da Amazônia.

Ingressando no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), elegeu-se senador pelo Ceará em outubro de 1954, como candidato da coligação formada pelo PTB, a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Republicano (PR). Tendo concluído o mandato de deputado federal em 31 de janeiro de 1955, assumiu, no dia seguinte, a cadeira no Senado. Com a posse de Juscelino Kubitschek na presidência da República em janeiro de 1956, foi nomeado Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, fato que o afastou do Senado por dois anos e meio.

Ministro do Trabalho (1956-1958)

Assumiu o ministério numa época de difícil definição política com relação à área trabalhista, especialmente a sindical, em função dos compromissos estabelecidos com a coligação partidária que levava Juscelino ao poder. Pelo acordo firmado entre o PSD e o PTB, a pasta do Trabalho caberia aos petebistas, representados por João Goulart, Vice-Presidente da República e chefe do partido. Entretanto, não agradava a Kubitschek que os comunistas, com os quais Goulart era bem-relacionado, tivessem liberdade de ação dentro do movimento sindical. Desse modo, a gestão Parsifal Barroso refletiu a oscilação entre a tentativa do governo de estabelecer relações diretas com os sindicatos e o desejo de controlá-los. Parsifal tentou evitar a participação política da classe operária no controle governamental das estruturas e lideranças sindicais. Decidiu tomar as medidas necessárias para impedir que a esquerda assumisse o controle dos sindicatos, até mesmo anular eleições ganhas pelos comunistas.

Por outro lado, adepto da Frente de Novembro, movimento fundado em março de 1956 pelo coronel Nemo Canabarro Lucas com o objetivo de dar conteúdo político ao movimento de novembro de 1955, liderado pelo general Henrique Teixeira Lott, promoveu, ao lado de João Goulart, passeatas e comícios. A Frente de Novembro opunha-se ao Clube da Lanterna, liderado pelo jornalista Carlos Lacerda, deputado federal na legenda da UDN. Com a colaboração de Parsifal Barroso, os comunistas promoveram, em 1º de setembro de 1956, uma homenagem dos trabalhadores ao Duque de Caxias e outra, no Palácio da Guerra, ao General Lott, patrono da Frente de Novembro.

Além de sua atuação na política sindical, desempenhou, como ministro, funções de caráter técnico. Foi chefe da representação brasileira à Conferência Internacional do Trabalho, realizada em Genebra, em 1956, sob o patrocínio da Organização Internacional do Trabalho (OIT). No ano seguinte presidiu a Comissão de Enquadramento Sindical e foi membro do Conselho Coordenador de Abastecimento.

Em março de 1958, durante uma reunião de Juscelino com os governadores nordestinos, foi designado membro da comissão instituída para coordenar o auxílio ao Nordeste, que sofria na época os efeitos de grande seca. Essa comissão, presidida pelo ministro da Viação, Lúcio Meira, era integrada também pelos titulares da Fazenda, José Maria Alkmin, e da Saúde, Maurício de Medeiros.

Com o propósito de concorrer no pleito de outubro de 1958 como candidato ao governo do Ceará, afastou-se do ministério em 30 de junho daquele ano, devido à exigência da lei eleitoral, que estipulava um prazo para a desincompatibilização dos candidatos. Substituído por Fernando Nóbrega, voltou ao Senado para continuar seu mandato. Nessa ocasião, foi membro das comissões de Finanças e de Segurança Nacional. A emenda Faraco (emenda nº 18), que propunha a revisão constitucional do orçamento da União, levou-a à tribuna, onde discursou ressaltando a insignificante influência do Senado no orçamento. Propôs a colaboração dos deputados através da criação de uma comissão mista para o estudo do projeto de lei disciplinador da elaboração orçamentária.

Em 3 de outubro de 1958, elegeu-se governador do Ceará na legenda das Oposições Coligadas, formada pelo PSD, o PTB e o Partido de Representação Popular (PRP).

Governador do Ceará (1959-1963)

Assumiu o governo cearense em 25 de março de 1959, após encerrar seu mandato no Senado, num momento em que o governo enfrentava a oposição constante da UDN, do Partido Social Progressista (PSP) e do Partido Republicano (PR).

Em março de 1960, quando encontrava-se à frente do governo do estado, grandes temporais ocasionaram enchentes e inundações em vários estados do Nordeste e ameaçaram o açude de Orós, que vinha sendo construído no Ceará. Essa obra constituía uma das medidas efetuadas pelo governo federal para fazer frente aos problemas da região. Apesar das inúmeras tentativas para salvar a represa, ela se rompeu no dia 26 de março, ocasionando grandes danos à população local. Alguns dias depois, Juscelino seguiu para o Ceará a fim de visitar a região atingida e incentivar as obras, as quais foram concluídas um mês antes de deixar o governo.

Exerceu o governo do estado sob três presidências da República: de Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. Terminou por romper politicamente com o último deles, abandonando o PTB e passando a integrar, com seus amigos e correligionários, o Partido Trabalhista Nacional (PTN). Ao fim de seu governo, criou uma nova coligação política, sob o nome de União pelo Ceará, acrescentando aos partidos que o apoiavam a UDN, da qual proviria seu sucessor, Virgílio Távora, empossado em janeiro de 1963.

Durante os primeiros anos do regime instaurado pelo movimento político-militar de 31 de março de 1964, retirou-se das funções públicas, só retornando em 1970, quando, em 15 de novembro, elegeu-se deputado federal pelo Ceará, na legenda da Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido situacionista. Assumindo sua cadeira em fevereiro de 1971, tornou-se membro da Comissão de Educação e Cultura e suplente das comissões de Legislação Social e de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados.

Vice-líder da Arena nessa Casa a partir de maio de 1973, foi reeleito deputado federal pelo Ceará no pleito de novembro de 1974. Novamente vice-líder da Arena a partir de abril de 1975, foi, nesse mesmo ano, membro da Comissão de Ciência e Tecnologia e suplente da Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados. Ainda em 1975 foi escolhido primeiro vogal da Fundação Milton Campos para Pesquisas e Assuntos Políticos, instituição criada pela direção da Arena em setembro daquele ano.

Nomeado ministro-conselheiro do Tribunal de Contas do Distrito Federal, renunciou a seu mandato de deputado federal em 30 de junho de 1977. Em 1978 dirigiu o seminário de estudos integrados, intitulado “Função das cidades de médio porte no desenvolvimento do Nordeste”, realizado em Sobral (CE) e promovido pelo Projeto Rondon. No ano seguinte voltou ao magistério, lecionando estudos e problemas brasileiros no Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB). Ainda em 1979 foi nomeado presidente do Tribunal de Contas do Distrito Federal, retornando posteriormente à função de ministro-conselheiro.

Além de político, professor e advogado, foi também redator do jornal *O Estado*, de Fortaleza, sócio do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro e membro da Associação Cearense de Imprensa.

Casou-se com Raimunda Olga Monte Barroso, filha de Francisco Monte, deputado federal pelo Ceará (1946-1963), com quem teve cinco filhos.

Além da tese já citada, publicou **Pedro, nosso irmão** (1950), **O cearense** (1969), **Na casa do barão de Studart** (1969), **Um francês cearense** (1973) e **Senador Pompeu, um cabeça-chata autêntico** (separata da revista do Instituto do Ceará, volume 97, 1978).

DEPUTADO JOSÉ FREJAT

O SR. PRESIDENTE (José Frejat) – Srs. Deputados, em expressivo consenso, a Câmara dos Deputados presta hoje justa homenagem à memória de José Parsifal Barroso, modelo do parlamentar brasileiro de grande porte, cidadão exemplar que sempre se norteou no sentido do mais alto patriotismo, figura de inquebrantável dignidade moral, administrador que soube dedicar o melhor de seus esforços para o aprimoramento das estruturas sociais do País e para a consolidação de um Estado verdadeiramente democrático, homem público plenamente identificado com as linhas-mestras da nacionalidade.

Trabalhado desde a primeira mocidade para a aceitação da política como caminho válido para a busca do desenvolvimento e a defesa das legítimas aspirações nacionais, Parsifal Barroso, no complexo espaço da vida brasileira, muito contribuiu, e durante largo tempo, para dar ao processo social do País uma moldura historicamente coerente e compatível com as genuínas reivindicações populares.

Uma análise, mesmo de relance, de sua privilegiada existência nos recorda que o saudoso parlamentar, cuja memória reverenciamos, com a palavra iluminada pela dedicação à causa pública e sem ter jamais faltado à sua vocação de contribuir para o engrandecimento da Pátria, esteve presente em todos os grandes momentos da vida brasileira, nos últimos cinqüenta anos.

Tendo começado sua carreira política na condição de Deputado Estadual junto à Assembléia Legislativa do Ceará, Parsifal Barroso soube honrar e engrandecer, como poucos, o mandato popular e as inúmeras funções que lhe foram cometidas. Assim, na condição de Senador da República, Governador do seu Estado, Ministro do Trabalho, Indústria e do Comércio, Deputado Federal e membro do Tribunal de Contas do Distrito Federal, sua presença, sem passividade ou açodamentos, mas ao estímulo das energias e dos valores que recolhiam o perfil da alma do nosso povo, sua presença – insisto – sempre esteve alinhada com os grandes espectros dos interesses nacionais.

A par de extremada devoção aos ideais democráticos e com o propósito indissociável de bem-servir à comunidade nordestina e brasileira, Parsifal Barroso fez de suas atividades políticas e administrativas um instrumento do progresso social, batendo-se, com a fé de um puro, pelos ideais de justiça e liberdade, que sempre iluminaram seu espírito.

Com a dignidade dos fortes, sem mudar de rumos ou trocar de caminhos, aceitando a luta partidária e os encargos públicos como um mandato iniludível para a promoção dos anseios comunitários, prestou ao País serviços incalculáveis, cuja grandeza o tempo não apagará.

Homem de espírito e político de ação, e mesmo sem nunca ter abandonado a vida pública, foi Parsifal Barroso também um “artesão de idéias e de palavras”, um escritor de

muitos méritos, havendo deixado numerosas obras publicadas, e revelando-se em todas elas profundo conhecedor de sua terra e de sua gente.

Por motivos tão justos e tão relevantes, esta Presidência julga por bem associar-se às homenagens tributadas à memória do saudoso e ilustre parlamentar desaparecido, que tanto enalteceu esta Casa pela inteligência, pelo civismo, pela coragem, pelo idealismo, pela lucidez e pelo patriotismo. E o faz na certeza de que a História saberá dimensionar, em toda a sua grandeza, o exemplo de trabalho e dignidade do ínclito brasileiro.

